

Amores secretos: fantasias e sintomas¹

*"Es el secreto que da su brillo
a las obras que lo ocultan o,
más exactamente,
desmientem la castración."*

Jacques Alain-Miller

I- Amor

Sobre o amor temos uma longa e apaixonante história. Então, para compreender a origem, o alcance e a significação do amor, não podemos deixar de lançar, pelo menos, um olhar para a persistente recorrência de Lacan à literatura, à filosofia e à religião. A literatura exalta e transfigura o amor, despertando nos homens as suas paixões. Na filosofia, observamos o amor entrelaçado ao Um e ao Ser nas formas mais variadas. A religião expressa a ruptura entre o amor divino e o amor humano, que é simbolizado por Adão e Eva. E na psicanálise?

A psicanálise nasce a partir de histórias de amor, cujos tropeços e embaraços clínicos levaram Freud a perceber que a relação entre analista e analisando era atravessada por um misto de amor e ódio, que ele nomeou de transferência. Esta estaria pautada no amor edípico, cujas ressonâncias apareciam no dispositivo analítico sob a forma de repetição.

Lacan nos apresentou a transferência como amor ao saber e, nos anos 60, junto com a repetição, a pulsão e o inconsciente, lhe deu o estatuto de conceito fundamental, atribuindo ao seu funcionamento a atualização da realidade sexual do inconsciente. Nesse sentido, considerou a função do amor na sexualidade como extremamente complexa, visto que o encontro amoroso pela via do gozo se configurava como impossível. Essa complexidade se manifestou na transferência, quando Lacan seguiu a via do amor para designar a função do objeto enquanto causa de desejo. A disjunção

¹ Margarida Assad e Sônia Vicente (coordenadoras); Ana Aparecida Rocha, Analícea Calmon, Anna Rogéria Oliveira, Cleide Monteiro, Graciela Bessa, Késia Ramos, Marcelo Braz, Marcelo Magnelli, Nelson Matheus Silva, Samyra Assad, Sandra Conrado, Suelle Conde, Wilson de Lima

entre gozo e desejo apareceu através da angústia, o que levou ao aforismo: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”², sendo o amor o véu do objeto da angústia.

Nos anos 70, ao estabelecer as fórmulas da sexuação, Lacan verificou que no feminino o amor é tecido no gozo, ressaltando que a posição feminina conhece dois axiomas: “para amar é preciso falar” e “para gozar é preciso amar”³, por ser o seu parceiro sintoma o *À*. Essa formulação já estava presente na ética do desejo, quando Lacan nos apresentou o amor cortês e seu objeto que, portando o segredo de ocupar um lugar vazio, provoca equívocos.

II- Amor Cortês

O triunvirato filosofia, amizade e homem, no século XIII, é substituído por literatura, amor e mulher. É justamente nessa nova modalidade de articulação social que surge o amor cortês, ou *fin'amors*, um canto ao amor infeliz, dirigido a uma Dama inacessível. Retrata um amor eternamente insatisfeito, nunca consumado, evidenciando o caráter especular e idealizado desta relação.

O amor cortês tem seu próprio avesso, já que é para os homens o único modo de sair graciosamente da ausência da relação sexual, uma forma elegante de contornar o furo, índice do real, provocando o desejo. Não implica o sacrifício profundo do nada como prova de amor, tal como a erotomania o demonstra.⁴ Ao seguir os rastros que os trovadores nos deixaram, encontramos algumas chaves nos textos que ficaram de seus ditos. O segredo é uma delas; a magia será outra.

*Tener un amor secreto, un amor suave y discreto a una mujer es como tener un nido perfumado y escondido en nuestro ser...hacer de la imagen de ella una ilusión, una estrella, una esperanza....*⁵

O amor cortês, margeando o vazio da relação, encontra sua satisfação numa forma secreta por meio da sublimação inerente à arte, ou seja, elegendo um objeto, um

² Lacan, J. *O Seminário: Livro 10. A angústia*. (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 197.

³ Miller, J.A. *O Osso de uma Análise* - número especial de *Agente: revista da Escola Brasileira de Psicanálise/Bahia*. Salvador: Cartograf - Gráfica e Editora Ltda; 1998, pg 112

⁴ Seldes, R. *O amor entre presença e ausência*. Texto apresentado na Atividade Preparatória ao X ENAPOL, Seção Nordeste. 2021, Inédito

⁵ *Canção de Trovador Amor secreto*. Letra de Carlos Torres Durán. Música de Rubén Darío Herrera

parceiro desumano.⁶ Este parceiro é A Mulher enquanto desprovida de qualquer referência concreta, razão pela qual o falasser se apegava ao nada que está para além do objeto do amor, que se realiza como imagem.

As palavras constituem, no lugar da castração, uma lei mais real, razão pela qual os amantes amam o próprio fato de amar, o que revela que precisam mais da ausência do que da presença. O aforismo lacaniano: “*amar é dar o que não se tem*”, acrescentemos, “*a quem não o é*”⁷, indica que o que se tem a dar é um diálogo com a falta. Lacan, no final do seu ensino, reduz seus interrogantes de sexo, vida e morte ao significante da falta no Outro, S(A), tornando o amor uma compensação ao gozo perdido. Assim, atualiza o amor cortês, no qual o sentimento amoroso advirá no lugar da falta estrutural e se alojará em um ponto inominável, sem dispensar a fantasia como uma das soluções.

III- Amores Secretos: Fantasias

A fantasia em Freud é uma forma de satisfação articulada aos objetos da pulsão. Encontramos nas cenas masoquistas em *Bate-se em uma criança*⁸, os elementos característicos da estrutura fantasística. Para Lacan a fantasia se resume sempre numa estrutura de frase, na qual, no primeiro momento, o sujeito está indeterminado, o que levou Lacan, referindo-se à posterior decantação dessa fantasia, ao matema $\$ \diamond a$.

O caso da Jovem Homossexual⁹ demonstra o uso da fantasia perversa como exaltação do amor¹⁰. Ali a fantasia evidencia que a escolha do objeto de amor está subordinada às condições determinadas pelo gozo, sendo assim o modo fetichista desta jovem amar, se pensarmos que o objeto *a* ocupa na fantasia o lugar de um fetiche. Ela dedica seu amor a uma dama de reputação duvidosa, o que desagradava seus pais. Ao vê-la com essa dama seu pai lança um olhar severo e vai embora. A dama nesse

⁶Lacan, J. *O seminário: livro 7: a ética da psicanálise*. (1959-1960) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991

⁷ Lacan, J. *O Seminário, livro 8: a transferência*. (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991; pg 126

⁸ Freud, S. *Uma Criança é Espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) In ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1969. VOL XVII

⁹ Freud, S. *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920). In: Obras completas, volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁰ Miller, J.A. *Quarto Seminário*. (1993). In: *A Lógica na Direção da Cura*. Seção MG./EBP. 1995.

encontro, pede que ela não lhe procure mais. A jovem se lança de uma ponte, deixando-se cair como objeto rumo ao vazio.

O que provocou esse desejo singular por mulheres belas nessa jovem? Para Lacan¹¹, as vias perversas do desejo se explicam pelo complexo de Édipo. Essa experiência marca para sempre a vida dessa mulher que irá sustentar seu desejo pela metonímia infinita da cena fantasística onde permaneceu congelada, e se fixa na posição de amante.

Na iteração de gozo na fantasia, situa-se a experiência de satisfação no encontro do par pulsional olhar e ser olhada, movimento que contorna o objeto no seu desejo pelas damas. A solução fálica não é suficiente. Tem algo do lado do feminino que parece encantá-la, pondo-a a serviço desse caminho onde a mulher, tomada no um a um, poderia lhe satisfazer em sua corte, descobrindo e inventando como se ama uma mulher.

Ao trabalhar a questão do objeto, o que Lacan está nos ensinando é que o amor é a forma possível de se responder ao $S(A)$, à falta. A função do amor é sempre suplementar, carregando, no rastro da castração, seu enigma mais secreto.

A trajetória de Lacan acerca da vida amorosa segue cada vez mais em direção ao objeto a como mais-de-gozar. Através desse objeto, que ganhará diversos estatutos, o que Lacan procura demonstrar é a impossibilidade da relação sexual. Vimos portanto que tanto no amor cortês como na via do amor que habita essa jovem, o que é visado é o nada, pois é menos o objeto que se deseja do que o amor.

Sendo assim, é além da lógica da fantasia que encontramos o secreto das condições da vida amorosa. O amor terá, então, uma outra via. No impossível de significantizar o encontro de língua com o corpo, acontece o mistério do corpo falante. Nesse sentido, é pela língua que o corpo será marcado e se tornará falante. Conseqüentemente, na entrada da linguagem, ocorre um acontecimento de corpo - um furo primordial produzido por um S_1 contingente e traumático, que se incorpora à

¹¹ Lacan, J. *O Seminário: Livro 4. A relação de Objeto.* (1956-1957) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

estrutura como traço permanente, letra de gozo - a partir do qual se realiza todo um tecer: fantasias e sintomas.

IV- Amores secretos: sintomas

Para além do recobrimento pela fantasia que compensa a falta-a-ser, a experiência psicanalítica traz a evidência do gozo como tal, a partir da lógica do não-todo. “Ela se aparelha com uma rede mais fundamental do que a da fantasia, mais estável do que os valores de gênero, mais forte que tudo, ali onde se existe verdadeiramente e de uma maneira única. Essa é a via do sintoma que, nesse sentido, nos feminiza.”¹²

Por um lado podemos dizer que o sintoma traz em si a marca da castração, inscrita no inconsciente, onde se constrói um saber. Numa etapa mais avançada do seu ensino, Lacan vai reafirmar esse aporte, dizendo que em alguma parte no Outro “..isso sabe porque isso se baseia justamente nesses significantes de que o sujeito se constituiu”.¹³ Articulando significante e gozo, Lacan continua dizendo que “esse saber é perfeitamente limitado a esse gozo insuficiente que constitui que ele fale”¹⁴.

O insabido do inconsciente permitiu que Lacan nomeasse Outro gozo, o gozo feminino, do qual uma mulher, nada sabe, mas experimenta no corpo. Esse vazio de saber tornar-se-á, uma vez que um corpo é marcado pela língua do Outro, alvo para o qual o amor se dirige.

Lacan generaliza a lógica do gozo feminino como o regime do gozo como tal¹⁵, que traz em si a exigência de um absoluto, que não faz laço. Formulou que o amor, ao se referir ao corpo da mulher amada, oferece o secreto do furo irredutível. Em outras palavras, o amor localiza no corpo um traço secreto e obscuro que é surdo e mudo à fala. Lugar do ser, vazio de significação, lugar de *Das ding*, ao qual Freud alertava ser impossível amar.

¹² Alberti, C. *A mulher não existe*. Argumento do Congresso AMP, 2022.

<https://www.grandesassisesamp2022.com/pt-br/>

¹³ Lacan, J. *O Seminário: livro 20. Mais, ainda*. (1972-1973) Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1985; pg 118

¹⁴ Lacan, J. *O Seminário: livro 20. Mais ainda*. (1972-1973) Rio de Janeiro; Jorge Zahar, pg 143

¹⁵ Miller, J.-A. *O ser e o Um*, aula de 2 de março de 2011. Seminário de Orientação Lacaniana. Inédito.

Esse ponto, que presentifica o vazio, atrai o *amódio*,¹⁶ uma enamoração de amor e ódio, por trazer aquilo que não pode ser nomeado. O amor constitui um modo pelo qual o falasser se dirige ao ser, que permanece em fuga perpétua, reduzindo-se, sem o saber, à relação com o objeto da fantasia: aí está sua função de véu em relação ao real.

Lacan, no seu último ensino, qualificou o amor como uma tentativa de suprir a impossibilidade da relação sexual, traduzindo-a em fórmulas, que denominou de *fórmulas quânticas da sexuação*.¹⁷ As modalidades de gozo próprias às posições masculina e feminina, que recobrem a experiência do corpo, dão conta de duas maneiras do amor se manifestar: fetichismo e erotomania.

O que é uma mulher para um homem? - seu sintoma, pois quando um homem ama/deseja uma mulher, seu parceiro é apenas um objeto, que causa o seu desejo enquanto fetiche.

E o que é um homem para uma mulher? - pode ser uma aflição ou mesmo uma devastação. É o Outro do amor, evocado além do falo. Nessa via é que podemos dar conta da forma erotomaníaca, o que faz com que a mulher repita uma infinita demanda de amor. O confronto com o Outro da falta, dá conta do caráter louco e enigmático do amor e do gozo feminino.

A última formalização lacaniana sobre amor e gozo, enuncia: o problema da sexualidade é existir um sexo que não tem um significante que o represente. Nesse esteio, falar sobre sexualidade é afirmar a escrita *(a)sexualidade*¹⁸, que acompanha outra escrita: *sinthoma*¹⁹, que enlaça sintoma e fantasia como demonstram os testemunhos de passe.

¹⁶Lacan J. *O Seminário, livro 20. Mais ainda.* (1972-1973) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pg 121

¹⁷ Lacan J. *O Seminário: livro 20. Mais, ainda.* (1972-1973) Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1985; pg 105

¹⁸ Lacan, J. *O Seminário 25, Le Moment de Conclure.* (1977-1978) Aula de 11 de abril de 1978. Inédito.

¹⁹ Lacan J. *O Seminário: livro 23. O Sinthome.* (1972-1973) Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1985.

V- Experiência de Passe

Tomemos o testemunho de Passe de Bénédicte Jullien que demonstra e ensina através de sua experiência, o resultado inerente a uma satisfação no final de uma análise, demonstrando o novo no amor na sua relação com a língua.

Trata-se de uma mulher, AE, que escarifica o lugar do amor no seu ser, nas palavras, nas promessas, nos homens e... num nada, e portanto algo de *lalíngua*, a traduz não- toda diante do gigante que é o amor para uma mulher. Ass

Ser nada para o Outro será o que a lançará numa desesperadora solidão. Bénédicte esclarece: *É a construção da fantasia “ser nada para o Outro” e sua travessia que irão redistribuir as cartas para um novo nó entre o amor e o desejo, mas, desta vez, pelo viés do gozo.* ²⁰ Ser nada, marca secreta de lalíngua em sua fantasia, era o que sustentava seu desejo insatisfeito, tanto nas parcerias amorosas quanto com outros objetos do desejo.

Bénédicte demonstra que amar nem sempre está do lado do saber fazer com o gozo para condescender ao desejo. Ao contrário, o amor tecido no gozo é uma maneira neurótica de manter-se na impotência de atrelá-lo à vida de onde se goza secretamente, e nada se quer saber do real aí suscitado. Sua relação com o Outro foi a de obter algum tipo de garantia no campo do amor, ao preço de estar na posição de serviçal dele. A via fálica parece não dar conta desse desejo que o feminino impõe relançar a um gozo, o que nos remete ao que há de secreto no objeto gozo: *escondido nas representações fantasísticas... parece indicar a um sujeito que o objeto escolhido por ele é apropriado pulsão e à sua satisfação secreta. ao sujeito, que o objeto eleito é o indicado pela pulsão e sua satisfação secreta.*²¹

Se pensarmos como secreto aquilo que de mais denso, forte e insondável habita a cada um e, ao mesmo tempo o invade, podemos pensar que para cada falasser há um ponto que o amor vem encobrir. Assim, o secreto seria a singularidade de cada um, sua diferença absoluta.

²⁰ Assad, S. *O novo amor e a vociferação singular*. Inédito

²¹ Miller, J-A. *Objeto gozo*. Opção lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, n.º 82, abril 2020.

Bénédicte ensina, com seu Passe, que o sintoma de *sentir-se só, não sendo nunca a mulher que convém aos homens*²², era uma maneira de fazer-se Outra para si mesma, ou seja, se feminizava através de seu sintoma. O confronto com a questão do ser - de um lado, ser uma mulher que não convém aos homens, e, de outro, ser filha única, exceção como mulher - trouxe o terreno do inconsciente real.

O enfrentamento foi com um gozo mais além do objeto nada, tal como este se colocava como um sentido para o desejo, suscitando uma outra formulação: *Eu aguardo o Ausente*²³. Essa afirmação articulou seu gosto pela liberdade, que não foi suficiente para livrá-la do tédio e da depressão, do gozo do silêncio, na espera infinita de um Outro que não existe. Sua feminilidade estava ligada à língua que falha em nomear o ser, em cujo vazio ela experimentou um gozo. Descobriu a língua que a torna Outra para si mesma em sua própria ausência, no que ela falha em dizer e que a encanta, mas que também a perde. A solidão passa a ser uma necessidade, e não um entrave às relações amorosas e transferenciais.

Logo, em se tratando de uma experiência de gozo que acompanha a introdução da linguagem no vazio do corpo falante, podemos dizer, do uso extraído desse lugar como *sinthoma*, que: *desde o momento em que o sinthoma tem lugar na cena analítica, cada ser falante é convidado a inventar, a escrever uma resposta sob medida, ali onde está o furo inerente a seu trauma singular*.²⁴

O nada, o silêncio do sinthoma, define Bénédicte não como toda, e sim próxima daquilo que lhe é mais secreto: a letra de amor. É neste secreto que, após despojar o real de todo sentido e cernir o estatuto do gozo, que o falasser descobre a liberdade para jogar suas cartas.

Para concluir, e portanto reabrindo uma nova questão, nos parece necessário trazer o que Lacan em seu último ensino, indica sobre um gozo indizível que tem afinidade com o infinito, não suscetível à castração, o *heterotismo*, um gozo próprio ao feminino²⁵.

²² Jullien, B. *Amor da língua*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. Correio nº 85, abril 2021.

²³ Ibid

²⁴ Santiago, J. 2020, apud Assad, S. Op. cit.

²⁵ Brousse, M.-H. *Modo de gozar en femenino*. (2021). Buenos Aires: Grama Ediciones, p. 55.

O passe de Bénédicte Jullien sugere o encontro, num sinthoma, com um gozo hetero, Outro, onde o que havia de secreto do *troumatisme de lalangue*, pode se transformar em um amor à língua, assim enunciado:

*"Foi desse ponto percebido que emergiu este novo amor, amor da língua..."*²⁶

²⁶ Julien, B. Op. cit. p.40